

Entre diversidades e adversidades, Amazônias no plural

O livro é uma coletânea composta por 16 capítulos e é um dos resultados do projeto *Patrimônio, Diversidade Sociocultural, Direitos Humanos e Políticas Públicas na Amazônia Contemporânea* aprovado na chamada pública MCTI/CNPq/MEC/Capes-Casadinho/PROCAD, coordenado por Jane Felipe Beltrão (PPGA/UFGA) e vice-coordenado por Antonio Carlos de Souza Lima (PPGAS/MN/UFRJ). Iniciado em 2012, o projeto teve como objetivo analisar situações de confronto, conflitos e emergência de grupos étnicos que se transformam, rearticulam ou se consolidam no cenário de mudanças aceleradas que atravessam a Amazônia. O enfoque do conjunto de pesquisas realizadas privilegiou os contextos de enfrentamentos, lugares, territórios, paisagens, corpos e objetos que ganham importância como focos de negociações de identidades (étnicas, raciais, sexuais e de gênero) e direitos (à diferença), ao mesmo tempo em que as políticas públicas revelam as dificuldades de diversos setores da administração pública em dar conta da gestão de uma sociedade multicultural. Na discussão, as representações estéticas (literatura, cinema e artes plásticas e visuais) se constituem em meios de expressão apropriados para sinalizar impasses e tensões que tornam possível importante discussão acerca da negociação das identidades, pela atenção que destinam à constituição de corpos, pessoas e indivíduos na Amazônia.

Deste modo, buscou-se reunir nesta coletânea autores que trabalham temáticas diversas e com experiências que variam desde a docência nos diferentes níveis de formação (do básico ao superior), alcançando gestão de projetos que envolvem museus, serviços de saúde, além da interlocução com movimentos sociais. Destaca-se, na trajetória das autoras e autores aqui reunidas/os, o compromisso com os coletivos junto aos quais realizaram seus trabalhos de pesquisa e de parceria. Embora autoras e autores compartilhem perspectivas da antropologia, as formações são diversas, reunindo historiadores, advogadas/os, pedagogas/os e arqueólogas/os, o que agrega uma perspectiva interdisciplinar aos textos aqui apresentados que, espera-se,

fomentem o diálogo sobre os temas da diversidade étnica e racial, especialmente a partir das escolas, ainda que se tenha a expectativa de que alcancem muitos outros espaços.

A coletânea está organizada em seis partes. A primeira delas, intitulada *Amazônia, História e Diversidade*, reúne quatro textos que não visam apresentar algo que seria como uma “história da Amazônia”, mas pretendem, ao contrário, problematizar e complexificar as narrativas sobre uma história da Amazônia que tende a ser contada com lacunas, em termos “cíclicos”, ou ainda privilegiando a biodiversidade em detrimento da sociodiversidade e da potência de seus coletivos políticos, seus arquivos e suas formas de luta. Assim, o trabalho de Rhuan Carlos dos Santos Lopes e Jane Felipe Beltrão *Alteridade e consciência histórica: a história indígena em seus próprios termos* apresenta possibilidades de contar a história da Amazônia e/ou de povos indígenas a partir de narradores indígenas. Trata-se, portanto, de uma perspectiva descolonial que visa, antes de mais nada, inspirar iniciativas que sirvam à luta dos povos envolvidos. De autoria de Rita de Cássia Melo dos Santos, o capítulo *Entre histórias locais e narrativas oficiais: proposta para uma abordagem sobre a ocupação amazônica a partir das escolas* propõe pensar, a partir de trajetórias de famílias, lideranças e estudantes (entre outros sujeitos), outra forma de compreender a colonização e o “passado” da Amazônia que não aquele da “Terra sem homens”.

O capítulo *Comunicação: controle e rebeldia*, de autoria de Bruno Pacheco de Oliveira, argumenta que o “direito de narrar” a própria história, as lutas e as conquistas tem a ver com lei, legitimidade e autoridade. Por isso, sua proposta é evidenciar a pluralidade de vozes que devem emergir, após anos de silenciamento produzido por estratégias como a colonização, discutida no capítulo anterior. O capítulo escrito por Katiane Silva, *Para o Pará e o Amazonas: látex. Notas sobre as pressões e violações no interior da Amazônia na economia extrativista*, descreve figuras centrais para a compreensão da Amazônia em seus sistemas produtivos e econômicos, como o “coronel de barranco”, o “civilizador” e o “colonizador”, para problematizar o que se pode considerar como sendo a “outra face” do período áureo da Amazônia, com a extração da seringa e outros “ciclos”, que trouxeram inúmeros prejuízos à população nativa e etnicamente diferenciada, submetida a sistemas econômicos e sociais considerados como regimes do terror, invisibilizados ao longo de séculos de história da Amazônia.

A segunda parte do livro, intitulada *Movimentos Sociais e Gênero*, é integrada por três capítulos. O primeiro, de autoria de Paula Mendes Lacerda, tem como título *Movimentos Sociais e escolas: possibilidades de ação conjunta e de fortalecimento mútuo*. A autora explora a importância da parceria entre escola e movimentos sociais – como grupo de jovens, associação de moradores, sindicatos, ONGs, clube de mães ou coletivos de muitos outros formatos possíveis – para a garantia de direitos à comunidade. O trabalho de Camille Castello Branco Barata e Mariah Torres Aleixo, *Gênero e sexualidade em sala de aula: um diálogo com estudantes de povos e comunidades tradicionais*, é construído a partir de narrativas de estudantes de ensino superior indígenas, quilombolas e agricultoras, salientando a importância de abordar o gênero e a sexualidade como aspectos transversais no ensino-aprendizagem. O terceiro capítulo desta seção, de autoria de Jane Felipe Beltrão, *Povos indígenas & igualdade étnico-racial: horizontes políticos para escolas*, apresenta subsídios para o enfrentamento do desafio implicado na construção de uma proposta que fomente a igualdade étnico-racial no ambiente escolar, com potencialidade de influenciar também para além dos muros das escolas, já que em contínua relação com as comunidades. Assim, lança mão de experiências de diversos povos indígenas, com o objetivo de amplificar e difundir suas conquistas e estratégias.

A terceira parte do livro, *Direitos Diferenciados*, inicia-se com o capítulo *Educação em Direitos Humanos na escola: subsídios aos docentes e exercício da cidadania*, de Assis da Costa Oliveira. Neste capítulo, fomenta-se a perspectiva de que a escola, mais do que preparar seus educandos para o “trabalho”, deve assumir um papel ativo no exercício da cidadania, para o que os direitos humanos são ferramenta fundamental. No capítulo seguinte, *“Agora, nós é que decidimos”: o direito à consulta e consentimento prévio*, elaborado por Rodrigo Oliveira, discute os princípios do direito à consulta e do consentimento prévio, livre e informado. Tais princípios, conforme explica o autor, são cruciais para a garantia de direitos de povos e comunidades tradicionais e devem ser conhecidos, debatidos e discutidos. Neste processo, a escola possui papel crucial.

A parte denominada *Propostas de trabalho*, apresenta dois capítulos construídos em torno de relatos de experiências realizadas junto a povos indígenas. O capítulo *Artefatos para o ensino: a pesquisa por meio*

de práticas criativas com a cultura material, de autoria de Thiago Lopes da Costa Oliveira, apresenta e discute experiências de pesquisas compartilhadas junto ao povo Baniwa do Alto Rio Negro. O trabalho realizado a partir da cultura material desse povo tem o potencial de articular estudantes e professores de escolas indígenas à comunidade mais ampla, contribuindo para a preservação de seu patrimônio material e imaterial. O texto de Rosani de Fátima Fernandes, *Sobre povos indígenas e diversidade na escola: superando estereótipos*, apresenta reflexões de uma educadora kaingang que possibilitam a ruptura com o ciclo de perpetuação de preconceitos e racismos contra povos culturalmente diferenciados, contribuindo para uma educação que parta do princípio do pluralismo cultural.

A quinta parte, *Campos da diversidade e do patrimônio*, conta com o capítulo de Clarice Callegari Jacques, intitulado *A arqueologia conta histórias*, que revela as dimensões em que a arqueologia é fundamental não apenas para contar o passado de um povo, como também para sua preservação. O capítulo de Laise Lopes Diniz e Luiza Garnelo, *Política indígena e política escolar: interfaces e negociações na implantação da Escola Indígena Pamáali – Alto Rio Negro*, parte do caso concreto de uma escola indígena para apresentar os caminhos e os desafios em torno do qual uma escola indígena pode se constituir. As autoras descrevem o processo por meio do qual a escola conseguiu promover uma nova forma de organização, afastando-se do modelo ocidental ao abrir espaço para que os mais velhos definam os parâmetros que devem orientar a formação dos estudantes. Uma escola nos moldes apontados é patrimônio do povo!

Povos Indígenas e Saúde é a sexta e última parte do livro e apresenta dois textos sobre o tema que vem se mostrando, ao lado da educação, um dos maiores desafios para a garantia de direitos de povos e comunidades etnicamente diferenciados. O capítulo *A experiência de formação de agentes comunitários indígenas de saúde, à luz das políticas públicas de saúde e da promoção da diversidade cultural*, de autoria de Luiza Garnelo, Sully Sampaio e Ana Lúcia Pontes, traz o relato de experiência do curso técnico profissionalizante de Agentes Comunitários Indígenas de Saúde do Alto Rio Negro, no Amazonas. Diante das dificuldades que atravessaram o trabalho, as autoras enfatizaram o desenvolvimento de ações de saúde junto àquele povo indígena em particular de modo culturalmente sensível, valorizando a diversidade

cultural e a riqueza dos modos indígenas de viver. O capítulo *Saúde indígena e diversidade no Brasil Plural*, escrito por William César Lopes Domingues, *xakriabá* que se debruça sobre a legislação do Sistema Único de Saúde (SUS), parte do princípio da equidade, para então apresentar a diversidade de práticas de saúde e corpo que devem ser conhecidas e respeitadas, tema em que as escolas têm função central.

Ao final dos capítulos, incluímos uma breve biografia informal sobre os/as que ajudaram a construir a presente publicação, via capítulos e diálogo. Cabe ainda destacar que há, em cada um dos capítulos, propostas de atividades que podem ser realizadas pela professora ou pelo professor em sala de aula, junto aos estudantes e à comunidade. Acredita-se que as escolas possuem papel fundamental na construção da cidadania e esperamos estar contribuindo para visibilizar, difundir e ampliar as inúmeras formas de fazer que são realizadas em espaços escolares diversos. Espera-se que a diversidade se sobreponha às adversidades do dia a dia na escola e apresente as *Amazônias* de seus protagonistas. A todas e todos boa leitura e bons trabalhos!

JANE FELIPE BELTRÃO
PAULA MENDES LACERDA